

## "Já é Vulcão"

**B**ELO Horizonte configura uma cratera de um vulcão adormecido. E dormindo estava.

Há pouco, começou o ruído. E agora é claro, forte e lúcido. Trinta e quatro artistas agitam um abaixo assinado de emergência contra o regulamento de um salão.

(Um salão é importante, pergunto eu?)

Mas, continuam.

Trinta e quatro artistas propondo a defesa deles mesmos e consequentemente — da criação — são jovens.

O número é grande — a vontade imensa.

O acontecido é fundamental.

Em Belo Horizonte programam uma feira de arte. Os velhos afastam os jovens numa escaramuça.

A feira acabou enclausurada numa galeria — a salvo de qualquer contaminação ou desmoralização — a arte de elite. A arte sacrosanta. Aquela dos privilegiados. Os de espírito fino.

Duas gerações. Uma para cada lado. Como uma fruta que se parte. Um lado por dre.

Agora, na rua — os jovens.

Trinta e quatro carregam faixas, cartazes, velas, pelos olhos da multidão. Na procissão mais paixão.

Clamam o «fim da falta de imaginação», o «fim do espírito de província». A manifestação-procissão desfilou seus círios velando os «mortos» na arte. A cruz «benzendo» os autores acadêmicos.

Um «happening»-religioso onde se saudava também o nascimento da nova arte. O acontecido é fundamental.

Esclarece a pressão castradora que envolve a vanguarda em todos os lugares. Não há possibilidade de diálogo.

O nôvo vem negar todo um trabalho já estratificado — resíduo acadêmico.

E os vencidos ainda tentam. Abrem fogo. As sereias funcionam. Críticos da situação são agenciados. Tôda uma estrutura arcáica, envelhecida, ofegante, agita-se. O esforço é supremo. Mas necessário.

Pois ali mesmo — a semente nova — já cresce. E viceja. Intolerável. O arcabouço é perfil. E' forma. E fôrça.

Breve estremece — consolida.

E' a voz!

Uma, duas, trinta e quatro. Propaga-se.

### ACONTECE

Vladimir Carvalho acaba de concluir um documentário «A Bolandeira» que fixa o processo de secular engenho no Nordeste.

Para complementar o filme, o cineasta utilizou gravuras antigas de Visher, Rugendas, do livro de Barleus e reproduções de Franz Post. O material iconográfico é da melhor qualidade para a informação etnográfica e artística. São gravuras clássicas da cultura brasileira. A realização dêsse trabalho só foi possível devido o interesse do Banco Industrial de Campina Grande, pelas realizações culturais. Esperamos para breve, outras demonstrações dêsse tipo, tão escassas em geral.

O poeta Raimundo Amado finalmente concluiu o filme «Arte e Rua» que apresenta como um poema, a manifestação de um grupo de pintores, poetas, sambistas e o povo em geral, realizada no atêrro e que teve o patrocínio dêste jornal com o nome «Arte no Atêrro».

O livro que deveria ser feito sobre o mesmo assunto, com artigos e fotos da manifestação, e das aulas, depoimentos dos participantes, ainda está no limbo. A curiosidade é grande e as indagações permanecem. Sairá ou não? Suspense.

### PINTURA



de Antônio Maia